

Acelerando a resposta à violência baseada no género

Notícias, Mulher, 13.08.2024, pág. 04, Ed. nº 34.376

ANA RITA TENE

A PREVALÊNCIA de normas socioculturais que evidenciam a vulnerabilidade da mulher, aliada à dependência financeira, continua a concorrer para os elevados índices de violência baseada no género e uniões prematuras.

Não obstante este cenário, centenas de mulheres têm saído da situação de violência baseada no género, conquistando o seu espaço na vida socioeconómica, através de programas de formação técnico-profissional e actividades de geração de renda.

Arsénia Lawia nasceu no distrito de Chicualacuala, província de Gaza, e foi ao lar aos 17 anos,



Reduzir incidência da violência contra a mulher

contra a vontade dos pais, abandonando os estudos para se jun-

tar ao seu professor. No entanto, o esposo contraiu matrimónio com outra mulher, sem o seu conhecimento e, ao descobrir tal relação, ela decidiu abandonar o lar e regressar à casa dos pais com a filha.

“Vi a nova esposa do meu marido ser acompanhada pelos seus familiares e os preparativos de uma festa que não havia sido informada. Já em casa dos meus pais, retomei os estudos e casei-me novamente. O

meu esposo não queria que eu frequentasse a escola no regime pós-laboral, originando, a partir daí, um conflito entre as famílias”, conta.

A persistência em terminar os estudos foi motivo de discórdia, discussões e até de agressões físicas perpetradas pelo seu esposo, mas Lawia não desistiu de se formar, tendo concluído o nível médio.

Sem condições financeiras para prosseguir os estudos,

decidiu iniciar um negócio de cabeleiro, comparticipando nas despesas da casa e formação dos quatro filhos.

“Quando recebi a formação e apoio financeiro no quadro da iniciativa Spotlight, comprei loiça diversa, abri um novo negócio e reforcei os produtos de salão. Hoje tornei-me activista para as mulheres vítimas de violência e com dificuldades de alcançar a independência financeira”, acrescenta.



Arsénia Lawia tornou-se activista em prol dos direitos da rapariga

Tirar a mulher da dependência

A EXISTÊNCIA de um número cada vez crescente de mulheres em situação de vulnerabilidade sujeitas à violência baseada no género exige o desenho e implementação de programas para o seu empo-

MACHEL



Seguir em frente

FLÁVIA Chacuemba, 43 anos de idade e residente na cidade de Chimoio, integra a lista de mais de 300 mulheres que receberam capacitação em ideias de negócio e combate à violência baseada no género, levada a cabo pela Gender and Sustainable Development Association.

A fonte conseguiu vencer a violência sexual que sofria do marido quando percebeu que podia encontrar mecanismos de sustentar a si e os filhos, reduzindo a dependência financeira em relação ao parceiro.

Chacuemba conta que sofria violência sexual e agressões físicas, para além do desprezo do seu marido, situações a que se sujeitava porque queria manter a família.

“O meu marido batia-me e forçava-me a manter relações sexuais com ele, sob alegação de que ninguém me aceitaria porque não sou bonita e ele estava a fazer-me um favor ao ficar comigo. Tudo mudou quando participei na capacitação e percebi que era uma sobrevivente da violência doméstica”, conta.

Para a activista, os conhecimentos sobre educação financeira, poupanças formais e ideias de negócios fizeram com que começasse a trabalhar com a venda de pedra de construção civil e continuasse a formação no período pós-laboral.

Actualmente, consegue pagar os estudos dos filhos, um dos quais frequenta o ensino técnico-profissional na cidade de Chimoio, e sonha em formar-se em Direitos Humanos para ajudar outras mulheres vítimas da violência.

“O meu sonho é que os homens deixem de oprimir as suas esposas e as tratem com respeito e dignidade, deixando-as gozar dos seus direitos. Hoje, o meu marido trata-me de uma maneira completamente diferente e já sabe valorizar-me e ouvir a minha opinião na gestão dos assuntos domésticos”, acrescenta.



“Os esposos devem respeitar as suas mulheres” - Flávia Chacuemba

Se tiveres uma doença crónica como HIV, Hipertensão ou Diabetes, continue a ir às consultas e tomar a medicação de forma regular

de ensino e implementação de programas para o seu empoderamento socioeconómico. Para Maria Manuela, empreendedora e sobrevivente do distrito de Nampula, muitas adolescentes e jovens acabam caindo nas mãos de homens que as submetem à violência sexual devido à dependência financeira.

A interlocutora, que se dedica ao corte e costura e artesanato há 10 anos, conta que ganhou o respeito e reconhecimento do seu esposo quando alcançou a independência financeira, daí que tem ensinado muitas meninas sobre a aposta na sua educação e formação profissional.

Maria Manuela recebeu uma máquina de corte e costura, no âmbito do programa Spotlight, implementado pelo sector de género e acção social e parceiros, o que lhe permitiu aumentar a renda da família e

FOTOS, J. MAC



“Ganhei o respeito do meu marido” - Maria Manuela

se tornar mentora das raparigas da sua comunidade.

“Quando recebi a formação em corte e costura e ideias de negócio, chamei 10 meninas da comunidade a quem tenho ensinado a trabalhar com artesanato. Durante os trabalhos, conversei com elas sobre a importância da formação técnico-profissional e as implicações das uniões prematuras”, conta.

O trabalho que tem feito

com as adolescentes e jovens tem conseguido, segundo ela, reduzir a incidência das gravidezes prematuras e evitar que as meninas entrem para uniões conjugais antes de terminarem os seus estudos.

Realça que a formação das jovens tem ajudado ainda na geração de renda das famílias, ao mesmo tempo que prepara as formandas para a vida profissional, abraçando o artesanato e corte e costura.

País regista avanços

O PAÍS alcançou avanços notáveis no combate à violência baseada no género e uniões prematuras, nos últimos anos, resultado da implementação de programas visando o empoderamento económico da mulher e da rapariga.

O director nacional adjunto da Mulher no Ministério do Género, Criança e Acção Social, Sansão Buque, considera que a existência de um quadro legal de protecção dos direitos da mulher e da criança levou à responsabilização criminal dos actores envolvidos na violência contra este grupo.

Buque, que tomou parte, recentemente, no Fórum de Boas Práticas no Combate à Violência Sexual Baseada no Género e Uniões Prematuras, destacou que muitas raparigas têm vindo a ser resgatadas de uniões prematuras e há um envolvimento notável das instituições do Estado e organi-



Sansão Buque destaca avanços na promoção dos direitos da mulher

zações da sociedade civil.

Para Buque, apesar dos avanços na aprovação da legislação e políticas de promoção dos direitos das mulheres e combate a todas as formas de violência, persistem desafios na formação das comunidades rumo à igualdade e equidade do género.

“Nós temos um quadro legal favorável no que diz

respeito à promoção e protecção dos direitos da rapariga, estando entre os melhores da região. Mas ainda há lacunas na implementação das leis”, acrescentou.

O director nacional adjunto do Género considera que é urgente o envolvimento dos actores comunitários no combate à violência baseada no género e uniões forçadas.